

Lauriene Seraguza

MULHERES EM *RETOMADAS*: sobre política e relações de gênero entre os Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de refletir sobre a ação política guarani e kaiowa em Mato Grosso do Sul a partir do ponto de vista das mulheres, especialmente as residentes em áreas de “retomadas”, que são as recuperações de terra de onde estes indígenas foram expulsos no início do século XX e reservados em pequenas porções de terras. A saída das reservas e o retorno para as terras ancestrais, os *tekoha*, mobilizados através de luta, são ações que têm nas mulheres um ponto central, pois elas mobilizam suas redes de relações para a vida na terra retomada e usufruem do privilégio da fala na defesa de seus parentes e de seus *tekoha*.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres Guarani; Mulheres Kaiowa; Retomadas; Política Ameríndia; Relações de Gênero.

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect on the Guarani and Kaiowa political action in Mato Grosso do Sul from the women point of view, especially those residing in areas of "retakes", which are the recoveries of land from where these indians were expelled in the early twentieth century and reserved in small portions of land. The departure of the reserves and the

return to the ancestral lands, the tekoha, mobilized through struggle, are actions that have in women a central point, since they mobilize their networks of relations for life on the land retaken and enjoy the privilege of speaking in the defense of their relatives and their tekoha.

KEYWORDS: Guarani Women; Kaiowa Women; Retomadas; Amerindian Politics; Gender Relations.

Neste artigo trago reflexões iniciais, frutos da construção em andamento de minha tese em antropologia no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo onde me proponho a produzir uma etnografia com as mulheres guarani e suas relações com a política, o parentesco e a cosmologia, partindo de suas existências em áreas de retomadas.

Os Guarani aqui referidos e suas respectivas ações políticas são os Guarani Nandeva que se autodenominam Guarani e os Kaiowa Guarani, que se nomeiam Kaiowa em Mato Grosso do Sul, ambos falantes de língua guarani.

As retomadas são estratégias da ação política kaiowa e guarani para recuperar os territórios de onde foram expulsos no início do século XX, pelo Estado e por não indígenas que cumpriam a pauta da política indigenista da época, que retirava os indígenas de seus territórios ancestrais e os removiam para as reservas. Os Kaiowa e Guarani foram expulsos de suas terras e “confinados” (BRAND, 1993) em oito pequenas áreas de reserva, o que contribuiu para disseminar a ideia para os moradores em cidades onde tem povo indígena guarani e kaiowa, de que o “lugar de índio é na reserva”.

A hipótese central por onde tenho construído os caminhos da minha tese é a de que as retomadas são relacionais e as mulheres são os feixes das relações. Desta forma, quando as mulheres, junto com os homens, retomam suas terras, elas estão retomando suas redes de parentesco, seus conhecimentos e valores, a partir de uma maneira específica de fazer política que compõe os modos de ser mulheres (*kuña reko*) entre os Guarani.

Pensar a agência das mulheres a partir de um modo específico de fazer política tem sido um esforço possível por perceber que a atuação delas tanto na vida em reserva, quanto na vida em retomada, é crucial. Pereira anunciou em sua tese de doutorado que “sem mulher não há fogo” (PEREIRA, 2004), referindo-se ao modo de organização familiar fundado na

noção de “fogo doméstico”, em volta deste que se organiza cada família com seu estilo específico (*teko laja*) (BENITES, 2009) que compõe a parentela.

Em minha dissertação de mestrado (SERAGUZA, 2013) reitiro a tese de Pereira, pois por muito tempo as sociedades guarani foram consideradas como “masculinas”. Enquanto Schaden (1974) sublinhou, no século passado, a cultura guarani como “marcadamente masculina”, Pereira (2008) afirmou que os homens kaiowa são “condenados à dependência” do “fogo doméstico” controlado pelas mulheres. Neste, as mulheres casadas lideram o controle, principalmente a partir da prerrogativa contida no poder de “nutrir” o grupo familiar. Pressupõe-se que quem nutre possui um conhecimento acumulado, como a maturidade expressada por um *tamoi* e uma *jary*, um casal de avós (SERAGUZA, 2013).

Por isso, é preciso perceber que ao observar os mundos guarani e pensar a etnografia a partir do ponto de vista das mulheres vê-se uma inversão destas noções. Numa conversa com o professor kaiowa Eliel Benites que também estuda retomadas em seu doutorado em geografia pela UFGD, ele me explicou que a presença das mulheres é fundamental antes, durante e especialmente depois da *retomada*. Ou seja, sua presença é fundamental para que o ato inicial da *retomada* se consolide, para que a retomada vingue. Ela é a conexão entre as pessoas. É através de seus cuidados, bem como do seu choro, de sua emoção, da *chicha* que é produzida, das relações de namoros e principalmente com a ruptura com a etiqueta da reserva que elas garantem a continuidade nas *retomadas*.

Quem mantem os parentes na *retomada* são as mulheres, consideradas como portadoras de um *jeko vya´ha* (modo de fazer alegria): se tornam o centro, necessárias, as grandes portadoras da alegria, de trazer e assentar a alegria. Pereira enfatiza que “[...] a alegria moderada torna a alma mais presa “assentada” ao corpo, estimulando o ânimo e a saúde geral da pessoa; como consequência aumenta a disposição para a sociabilidade” (PEREIRA, 2004, p. 368). Seriam então as mulheres, as responsáveis por alegrar as pessoas e proporcionar a convivência e a solidariedade mútua do grupo. Diz-se que elas são *Oñandu kuaa´ve opa mba´e*: aquela que sente mais as coisas – *que tem profundidade em seus sentimentos, por isso sente mais amor, se preocupa mais com os filhos, olha mais a casa, se preocupa mais com as coisas para comer, para saúde – a mulher é isso, o filho gosta mais da mãe, tem mais poder de encanto, de preocupação, de sofrimento*. A importância da mulher também se dá por uma presença maior na casa do que os homens, que costumam sair atrás de trabalhos com pagamentos em diárias, em fazendas, lavouras, colheita de maçã, usinas e frigoríficos, o que faz de muitas das *retomadas* terras de mulheres e crianças. Crespe também observou isto nas *retomadas* kaiowa da região da Grande Dourados e destaca que “Um aspecto importante a ser

ressaltado é para a quantidade de mulheres e crianças no assentamento. [...] grande parte dos homens sai para trabalhar nas usinas, permanecendo longos períodos fora ficando no local as mulheres” (CRESPE, 2015, p. 244).

É a mulher que conta a história dos parentes, de quem são os pais, filhos, primos, primas para não perder a rede de relações. Eliel Benites me explicou que para entender *vya´ha* era preciso compreender que é como se *jekoha* fosse semelhante a *vya´ha* – *vya* é o primeiro passo, *primeiro se encanta*, enquanto *jekoha*, poderia ser explicado como *uma relação muito forte*, como uma rede. Essa reconstituição na *retomada* é mais lenta, a reconstituição da rede da mulher, de seus parentescos, de sua conexão com plantas e remédios do mato, com a produção da roça, da sua importância na área recuperada. Elas são o centro do feixe das relações, o nexo da parentela.

Nas situações de *retomada* é constante ouvir que *retomada é guerra*, uma vez que o ato de retomar a terra provoca inevitavelmente reações hostis dos proprietários rurais e parlamentares ruralistas. Mas ouviu-se também que *retomada é festa*, que evoca a perspectiva de retorno à vida na terra recuperada e a alegria de voltar a viver e festejar com os parentes. Temos, por um lado, uma *guerra* contra o Estado, os fazendeiros e, por outro, uma *festa* com trocas entre parentes e seus outros (humanos e não humanos), fazendo eco a uma afirmação de Perrone-Moisés (2015, p. 58) de que “[...] não há guerra indígena que não seja precedida e seguida por uma festa”, como se tais experiências fossem dois lados de uma mesma moeda.

As *Aty Guasu* são um grande palco onde é possível notar essa dualidade da ação política kaiowa e guarani. As *Aty Guasu* são as grandes assembleias realizadas pelos Guarani e Kaiowa e são parte de um movimento indígena pelo qual reivindicam a garantia de seus direitos, principalmente, o direito à terra. Há narrativas, como a de Tonico Benites (2014), que relacionam a *Aty Guasu* às antigas *Kokue Guasu*, mutirões organizados pelo PKN (Programa Kaiowa Ñandeva) para construção de roças grandes que ocorriam há tempos atrás, entretanto, não se trata de um consenso. Outro antropólogo que atuou no PKN, Celso Aoki, afirmou, em comunicação pessoal, que os Kaiowa e Guarani sempre realizaram grandes encontros, entretanto, elas apareciam em outros formatos, proporções e com outras pautas, como o *Jeroky Guasu*, grandes rezas, muito antes da presença não indígena nas terras Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul.

Nestes espaços, realizavam cantos, rezas e danças e também era um momento onde conversavam e se aconselhavam, sem a presença dos não indígenas. Pimentel destaca a fala de um Kaiowa idoso vindo da região do rio Apa, em Bela Vista, Mato Grosso do Sul, o senhor Salvador Reinoso que disse que “Antigamente não existia reunião, só existia festa”

(PIMENTEL, 2015, p. 22). Atualmente, há várias modalidades de *Aty guasu*, como o *Aty Jovem* – assembleia de jovens kaiowa e guarani e o *Aty Kuña*, assembleia das mulheres guarani e kaiowa¹, para além dos encontros de rezas, concentrados em batismos de milhos (*jeroky puku* e *mbyky, avatikyry*) e de crianças. Há muitas questões que envolvem a *Aty Guasu*, uma delas é o fato de ser composta majoritariamente por Kaiowa, o que faz com que os Guarani sejam poucos em sua composição, mas que reconheçam nele um espaço legítimo de articulação e deliberação do movimento indígena guarani e kaiowa. Uma possibilidade é que uma ocupação maior dos kaiowa dentro do movimento se dê em virtude deles estarem localizados numa região de maior acesso, que é a Grande Dourados. Os Guarani estão localizados na fronteira seca, mais na relação com o Paraguai e tem menos espaços, mas estratégias mais eficazes, como a utilizada na *retomada* em Yvy Katu, onde a entrada e o estabelecimento de um grande número de pessoas na *retomada* contribuíram para que os estudos de identificação e demarcação de terras prosseguissem com eles dentro da totalidade da área reivindicada.

Em setembro de 2017, participei de uma *Aty Kuña* na *retomada* kaiowa Kurusu Amba, no município de Coronel Sapucaia, MS. Quando cheguei percebi que a mesa era formada por várias mulheres, de várias idades. Os integrantes, homens e mulheres dos conselhos do *Aty Jovem* e do *Aty Guasu* estavam presentes contribuindo na realização da assembleia.

Imagem 1: *Aty Kuña* realizado em Kurusu Amba.



Fonte: Foto de Lauriene Seraguza, setembro de 2017.

¹ Exploro essas categorias, em especial a *Aty Kuña* no artigo *Aty Guasu Kuña – sexualidade e relações de gênero entre os Kaiowa e Guarani*. Comunicação Oral apresentada no III CIAEE, Anais, Dourados, MS, 2015. Uma versão deste artigo está no prelo para a publicação (UFGD, 2018).

Em um determinado momento, as mulheres mais velhas ocuparam o lugar de fala das mais jovens que dirigiam a assembleia e começaram a discutir os seus saberes sobre o *kuña reko*, o modo de ser das mulheres. Trocavam experiências sobre rezas, usos de plantas, os remédios, além de elencar uma série de problemas relacionados às intervenções da SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena e os que advêm da presença da escola. Para elas, estas instituições atravancam a luta pela autonomia de suas vidas no processo de recuperação do território.

Na ocasião eram as mulheres as donas da fala. Os homens estavam juntos e participavam, mas elas estavam a frente e falando. Segundo Adriana Testa, em sua tese de doutorado com os Guarani Mbya, “as palavras dos humanos têm um potencial criador, e os atos de falar são também entendidos como atos de fazer.” (TESTA, 2014, p. 181), como caminhos construídos e percorridos pelos Guarani. Com a fala as mulheres criavam outras relações e outros caminhos naquele momento, diferente de outras *Aty Guasu* em que elas dividiam a fala com os homens, conforme o modo de ser ideal entre os Guarani e Kaiowa, que tem de referência de mundo um casal, conhecido como *Ñanderuvusu* e *Ñandesy*. Durante a organização do evento as mulheres acionaram uma rede ampla de apoio, fazendo com que este *Aty Kuña* tenha sido muito divulgado. O evento contou com a presença de muitos não indígenas: ONU, CIMI, documentaristas, universidades, políticos locais, FUNAI. As mulheres indígenas encaminharam projetos para uma diversidade de agências de fomento, além de realizar uma *vaquinha online*, que foi o modo como conseguiram arrecadar dinheiro para a realização da assembleia. Havia muitas pessoas juntas em torno da realização da *Aty Kuña*.

A ocupação exclusiva da fala e dos encaminhamentos pelas mulheres gerou consequência na *Aty Guasu* ocorrida depois do *Aty Kuña*, em novembro de 2017 na aldeia Pirakua, onde as mulheres tiveram suas participações bastante “policiadas”, pois já teriam um lugar para falar de suas pautas.

“Um retorno ao Pirakua”, era assim que estava sendo anunciado entre os Guarani e Kaiowa a *Aty Guasu* que ocorreu de 28 a 01 de dezembro de 2017 em Pirakua, aldeia kaiowa localizada em Bela Vista, Mato Grosso do Sul. Seria um retorno por conta da ideia de que lá poderia ter sido um começo das mobilizações em prol da luta pela terra. Durante a assembleia, os realizadores começaram a compartilhar seus cantos entre si e com a assembleia, cada rezador com seus grupos e saberes construídos em virtude de suas relações específicas, com estilos familiares e conhecimentos locais. Rezaram e cantaram os Guarani, os Kaiowá, alguns grupos familiares, os Pãi Tavyterã do Paraguai, grupos mistos e exclusivamente femininos ou masculinos. Os rezadores assumiram a frente

do *Aty Guasu* e fizeram dele um grande *Jeroky Guasu*, rezando e cantando, brincando até o dia raiar, uma grande festa. Se como diz Perrone-Moisés “A medida de uma boa festa é a alegria, o divertimento que proporciona”, é possível dizer que os Guarani e Kaiowa são muito bons em festas. Para Pereira, “a festa é a conjugação ótima da relação entre os homens, os deuses e o espaço físico humanizado” (PEREIRA, 2004, p. 307).

Imagem 2: Rezadores e Rezadoras cantam em torno do Mapa Guarani Continental, 2016.



Foto de Lauriene Seraguza, novembro de 2017.

FALA AFIADA

Mesmo policiadas pelos homens durante a *Aty Guasu*, não foi possível privar as mulheres da palavra. Tanto é que Leila Guarani, moradora na retomada guarani de Yvy Katu, se sentiu à vontade em responder a apresentação do Fórum dos Caciques durante a *Aty Guasu* no Pirakua. Estava prevista uma discussão sobre o Fórum, que se trata de uma organização de lideranças indígenas que são acusadas por outras lideranças indígenas de serem financiadas por parlamentares ruralistas para se infiltrarem no movimento indígena em Mato Grosso do Sul e repassarem informações a estes parlamentares que são declaradamente anti-indígenas. Este movimento se contrapõe a *Aty Guasu*, máxima representatividade do movimento kaiowa e guarani para o exterior e a Assembleia Terena, que se organiza em prol das defesas dos interesses terena e são declaradamente a favor das *retomadas* também entre os Terena. O Fórum dos Caciques inclui todos aqueles que não foram incluídos nestes movimentos, por vários motivos e entre estes, por serem

ligados a ruralistas e possui representatividade de todas as etnias em Mato Grosso do Sul. O grande motivo da inclusão da pauta sobre o Fórum se deu por declarações públicas que eles realizaram utilizando o nome da *Aty Guasu*, e diz que foram convidados para ir por uma outra liderança da *Aty Guasu* que sumiu da assembleia quando eles chegaram. Muitas lideranças da *Aty Guasu* ficaram incomodadas com a presença do Fórum, mas deram a eles o direito a palavra, pois afinal, como bem observou Perrone-Moisés, “Quando índios atuam no ambiente de nossa política, tem de agir na chave da guerra, não mais de borduna, mas de palavras” (PERRONE-MOISÉS, 2015, p. 92).

Representantes de várias etnias se apresentaram até que um Terena, ressaltou a legitimidade do movimento, que não são financiados por ruralistas, que são caciques “verdadeiros”, de várias etnias, e que eram a favor da demarcação, pauta do movimento kaiowa e guarani.

Enquanto ele falava, Leila avisou que iria pedir a palavra. Se apresentou e disse, de forma alterada, violenta, que queria fazer uma pergunta ao Fórum dos Caciques diante do povo Guarani da *Aty Guasu*. Segundo Leila, ali sim, estavam os *caciques verdadeiros, rezadores de verdade*, no que ela chamou de Fórum da *Aty Guasu*, composto por *caciques verdadeiros, ñandesy, ñanderu*, e ressaltou que *a gente acredita neles porque eles rezam. Falam com Deus, por eles que a gente vive, eles que falam pra nós como é que a gente tem que andar, como é que a gente tem que viver na retomada.*

Leila ainda gritou que os Guarani e Kaiowa não tem advogado, pois estão brigando com deputado federal que estão contra eles. As mulheres na plenária, eufóricas, aplaudiram e quando Leila começou a citar os nomes dos deputados, as mulheres corroboram repetindo o nome de um deputado e dizendo que ele queria matar os Kaiowa e Guarani. Leila ainda disse que a *Aty Guasu não fecha com os ruralistas porque eles nem olham na nossa cara* e que ela sabia que o Fórum dos Caciques estava financiado pelos ruralistas. *Então porque estavam ali?*

Leila, lembrou do corpo de um cacique *que foi o próprio ruralista que mandou matar* e além disso, fugiu com o corpo da liderança. *Nísio Gomes não apareceu o corpo até hoje. E quem fez isto, foi o ruralista.* Mas ressaltou que quem orienta os Kaiowa e Guarani, são os caciques deles, que ensinam as pessoas novas para poder viver conforme consideram adequado aos modos kaiowa e guarani. Então perguntou: *eu não sei pra vocês, Fórum dos Caciques, porque um parente nosso acabar matado pela própria mão do fazendeiro, não tá doendo para vocês? Mas para nós tá doendo até hoje. Então isto faz com que eu não confie nos deputados que estão contra nós.*

Leila ainda lembrou que 2018 é ano eleitoral, que é o ano que o político ruralista *vai andando, por região, por aldeia, por retomada, vai*

*entrando, passando a mão na cabeça dos Guarani e Kaiowa querendo conquistar o voto para poder ficar mais lá, contra nós. E sublinhou: A gente guarani e kaiowa não tem que dar o nosso voto para aquele cachorro que comeu a vida, a pele do nosso parente, que sumiu com ele. Isso dói, eu não vou ter vergonha para defender o meu povo guarani. Finalizou dizendo que sabia que o Terena era um indígena igual a eles, mas que o Fórum dos Caciques ganhava dinheiro, e a *Aty Guasu* guarani e kaiowa não, e nós não queremos saber de nada do Fórum dos Caciques, é isso que vem atingindo nós, nós queremos parceiros de verdade, lutador de verdade, para defender a terra para as crianças, para os jovens.*

Imagem 3: Leila Guarani de Yvy Katu enfrenta os integrantes do Fórum dos Caciques na *Aty Guasu* realizada em novembro de 2017 em Pirakua.



Fonte: Foto de Lauriene Seraguza.

Ao tentar responder, o Terena frisou que vinha de uma linhagem de lideranças, rezadores e feiticeiros. Ressaltou que o Fórum dos Caciques é uma organização aberta, que não está restrita a nenhum povo, nenhuma comunidade e que ele foi criado pelos indígenas, não foi criado por ruralistas, por políticos, não são financiados. O Terena foi brutalmente interrompido por uma liderança kaiowa que pegou o microfone e pediu para que eles se retirassem, enquanto o anfitrião da *Aty Guasu*, envergonhado, tentou apaziguar as coisas, mas não teve jeito: o Fórum dos Caciques foi expulso da *Aty Guasu*.

A fala de Leila, efusiva, o silêncio dos ouvintes e a interpelação das mulheres, fez com que Leila fosse muito aplaudida pela sua coragem, ao final, ela se dirigiu a Janete e Alda, companheiras kaiowa do *Aty Kuña* que a abraçaram e choraram com ela.

Assim como possuem uma alegria necessária na constituição do *sócius* guarani e kaiowa, as mulheres também podem ofender, com a prerrogativa de falar o que quiserem, no tom e na hora que considerarem apropriado. Percebi que isto também se dá porque circula entre os Kaiowa e Guarani o adjetivo, declaradamente feminino, *ñaña*, que significa mulher “brava”, “briguenta”. Em termos cosmológicos, *Ñaña* advém de *Aña*, o *Jaguarete*, inimigo do ser humano. Pode-se pensar *Aña* como uma categoria que representa o excesso de alteridade e, desta maneira, um ser de excessos é o criador da mulher, outro ser com excesso de diferenças (SERAGUZA, 2013).

Na literatura etnológica kaiowa e guarani, *Aña* adquire contornos de uma herança possivelmente cristã e pode ser encontrado em equivalência com o demônio, a personificação/divinização do mal instaurado por *Mba'ekuaa* (Aquele que Sabe) desde a primeira terra não humana. *Mba'ekuaa* e *Aña* remetem ao “Outro”, um afim real ou um inimigo real, condicionante para a criação da vida social. O que eles tematizam é a distância social necessária para conduzir o *sócius*, uma alteridade radical ou a vida social. A alteridade oferece uma forma de integrar e um propósito de amarrar, de convergir (SERAGUZA, 2013).

Aña realizou inúmeras tentativas de desviar as obras de criação e humanização do mundo de *Pa'i Kuara*, o Irmão Maior, o Sol. Enquanto *Pa'i Kuara* criou a galinha, *Aña*, na tentativa de se igualar ao primeiro pai, criou o urubu; *Pa'i Kuara* criou o *pindó*, árvore sagrada entre os Guarani, *Aña* criou o espinhento *bocajá* (*mbokaja*); o primeiro criou o besouro, o segundo a formiga cortadeira, contínua nas roças (*kokue*) kaiowa e guarani; *Pa'i Kuara* criou o lagarto tiú (*teju*), *Aña* criou a cobra (*mbó*). Por mais que se esforçasse, as obras do segundo não se igualavam às do primeiro (SERAGUZA, 2013).

Foi então que *Pa'i Kuara* criou o homem e *Aña* criou a mulher, mas esta com chifres, asas e rabo, marcando a desigualdade ontológica da criação de homens e mulheres humanos. *Pa'i Kuara* assoprou a última criação de *Anã* e retirou dela os três atributos vinculados ao universo animal e a fez humana, eliminando dela o excesso de alteridade. De *Aña* tornou-se *Kuña*, graças ao sopro de *Pa'i Kuara* que, desta maneira, concedeu-lhe sua alma *ayvukue*, a alma branda, “o sopro brotado (da boca)” (NIMUENDAJU, 1987, p. 29), sua *ne'ẽ*, *ayvu*, palavra/alma, para confrontar com sua *asyigua*, a parte desassossegada, “uma alma animal” (NIMUENDAJU, 1987, p. 34), “o componente relacionado às paixões e desejos humanos, que predis põem as pessoas para assumirem comportamentos antissociais” (PEREIRA, 2004, p. 201) que é sua marca da descendência primeira, *Aña*. As duas unidas “determinam o temperamento da pessoa em questão” (PEREIRA, 2004, p. 35). *Aña* cria a mulher e, desta maneira, a vida social, a reprodução da sociedade (SERAGUZA, 2013).

A língua afiada, as falas desmedidas das mulheres guarani e kaiowa, são bastante conhecidas. Os homens ocupam os espaços percebidos por nós, não indígenas, como público, e a mansidão deles diante de confrontos e equívocos é característico do papel mediador que cumprem nestes espaços. Mas, as mulheres, quando veem que os homens não vão dar conta, ou uma situação que põe em risco o equilíbrio da vida, elas visualizam com mais clareza uma situação de perigo e de presença de inimigos. O homem mantém a possibilidade de diálogo, mulher não precisa, ela pode ser desmedida. É característico delas os rompantes, porque este é um modo específico de fazer política, uma reação de quem “sente mais”.

Se os homens não reagem, elas reagem pela garantia da harmonia, pela coerência da organização social. Para Perrone-Moisés, “Os índios, [...] parecem todos evitar discutir em público os “assuntos a resolver”, e o confronto público equivale a uma declaração de guerra” (PERRONE-MOISÉS, 2015, p. 88). E o confronto público, a declaração de guerra, no caso guarani e kaiowa, é prerrogativa das mulheres. E guerra, inclusive, no âmbito da intimidade. Quando um Kaiowa ou Guarani está falando em público e não “está dando conta do recado”, a mulher pode reivindicar – num modo específico de fazer política – a fala e colocar o homem numa situação de “vexame”, pois o “papel da mulher é de suma importância na organização da parentela” (PEREIRA, 2004, p. 368), mas Pereira também ressalta que os “Estados de ânimos extremos são sempre perigosos” (PEREIRA, 2004, p. 368).

Aprendi, durante o mestrado, com uma xamã que acompanhei, *que a mulher é um elemento quente, ela é alterada, quando abre a boca sai sempre uma verdade que pode ofender alguém*. É preciso tomar cuidado ao falar para não *machucar as pessoas, atingir, o que fala acontece*, ela é *ñaña* [brava, briguenta] (SERAGUZA, 2013, p. 40). A *ñe* é eminente que possui a mulher faz com que permaneça, por vezes, no espaço da convivialidade do “fogo doméstico”, pois, fora dali, pode “ofender”, comprometendo a parentela, sendo identificada, por isto, ora como um afim real, ora como um inimigo real (SERAGUZA, 2013). Uma possibilidade que justificaria esta postura feminina perante os homens, seria a “fala forte” que detém as Kaiowa e Guarani e os efeitos que ela pode causar no entorno.

Por fim, me lembro de uma entrevista que a guarani Lisandrea Santos, de 28 anos, moradora da Reserva Pirajui, em Paranhos, MS, concedeu para a antropóloga Tatiane Klein para o Conexões entres Mulheres Indígenas, programa do ISA em virtude da semana da mulher em 2016 e ressaltou justamente isto: “*Eu só tenho que dizer que a gente não é frágil – as mulheres não são frágeis não, como todo mundo pensa. A gente é frágil pode ser na forma física, mas a gente não é frágil nas nossas falas,*

na nossa cultura. A violência não vai conseguir nos deter"².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENITES, Eliel. **Oguata Pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Te'yikue**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Campo Grande, Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, [2014].

BENITES, Tónico. **Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia) – Museu Nacional, UFRJ, [2014].

BENITES, Tónico. **A Escola na Ótica dos Avá Kaiowá: impactos e interpretações indígenas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ, [2009].

BRAND, Antonio Jacob. **O confinamento e o seu impacto sobre os Pãi-Kaiowá**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, [1993].

CRESPE, Aline Castilho. **Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowá no município de Dourados – MS (1990 – 2009)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Dourados, UFGD, [2009].

_____. **Mobilidade e Temporalidade Kaiowá: Do Tekoha À Reserva, Do Tekoharã Ao Tekoha**. 2015. Tese (Doutorado em História) – UFGD, [2015].

ISA. Instituto Socioambiental. **Conexões entre Mulheres**. ISA, 2016. Disponível em: <https://conexoes.socioambiental.org/> . Acesso em: 23 dez. 2018.

NIMUENDAJU, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PEREIRA, Levi Marques. **Imagens Kaiowá do Sistema Social e seu Entorno**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Paulo, [2004].

² Conexões entre Mulheres, ISA, 2016, disponível em: <https://conexoes.socioambiental.org/> .

----- . A socialidade da Família Kaiowa: relações geracionais e de gênero no microcosmo da vida social. **Temáticas**, Campinas, v. 16, n. 31/32, 2008.

PERRONE-MOISES, Beatriz. **Festa e Guerra**. 2015. Tese (Livre-docência em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, [2015].

PIMENTEL, Spensy K. **Aty Guasu: As Grandes Assembleias Kaiowa E Guarani – Os Indígenas de Mato Grosso do Sul e a Luta Pela Redemocratização do País**. In: **Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul**. Dourados: UFGD, 2015.

PIMENTEL, Spensy K. **Elementos para uma teoria política kaiowá e guarani**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/USP, São Paulo, [2012].

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentales de la Cultura Guaraní**. Assunción: Universidad Católica, 1974.

SERAGUZA, Lauriene. **Aty Kuña Guasu – sexualidade e relações de gênero entre os Kaiowa e Guarani**. Comunicação Oral apresentada no III CIAEE, Anais, Dourados, MS, 2015.

----- . **Cosmos, Corpos e Mulheres Kaiowa e Guarani: De Aña a Kuña**. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Dourados, PPGAnt/UFGD, [2013].

TESTA, Adriana. **Caminhos e saberes Guarani-Mbyá: modos de criar, crescer e comunicar**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/USP, São Paulo, [2014].

AUTORA

Lauriene Seraguza

Graduada em Letras (UFGD), mestra em Antropologia (UFGD) e aluna do doutorado em Antropologia (USP). É pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa Etnologia e História Indígena (UFGD), Centro de Estudos Ameríndios (USP) e bolsista FAPESP Processo n. 2017/09129-7. E-mail: seraguzza@gmail.com .

SERAGUZA, Lauriene. Mulheres em *retomadas*: sobre política e relações de gênero entre os Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 215-228, jul./dez. 2018.

Recebido em: 04/07/2018.

Aprovado em: 05/07/2018.

Publicado em: 25/12/2018.